

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

Truncamento no português brasileiro: para uma melhor compreensão do fenômeno¹

Truncation in Brazilian Portuguese: for a better
understanding of this phenomenon

Ana Carolina Vilela

Universidade Federal de Minas Gerais

Luisa Godoy

Universidade Federal de Minas Gerais

Thais Cristófaros Silva

Universidade Federal de Minas Gerais²

V. 14 - Nº 1



Abstract

This article evaluates and discusses cases of truncation in Brazilian Portuguese (BP). A general evaluation of truncated forms in BP is presented within traditional grammatical approaches, and we also consider some proposals presented in manuals of morphology. Finally, we consider some articles that focus on theoretical issues related to truncation. In order to have a better understanding of truncation in BP we organized an experiment to evaluate over a hundred truncated forms. Results from our experiment indicate that truncated forms tend to follow general patterns, although such patterns are not categorical. We also distinguish truncated forms from cases of reduction of lexical items. Our results offer insights for future analyses on truncation and reduced forms in BP and may also contribute to the discussion of the interaction between phonology and morphology.

Key words

Truncation, Phonology, Morphology, Brazilian Portuguese, Lexicon

Resumo

Este artigo discute o tratamento apresentado na literatura lingüística para casos de *truncamento* no português brasileiro. O *truncamento* é um fenômeno de encurtamento de palavras, que gera formas de até no máximo três sílabas, tais como *cerva* (< *cerveja*), *facú* (< *faculdade*) e *vestiba* (< *vestibular*), usadas como substitutas de suas respectivas palavras-matriz. Avaliamos o tratamento oferecido nas gramáticas tradicionais, nos manuais de morfologia de língua portuguesa e em abordagens específicas (ARAÚJO, 2002, GONÇALVES, 1999). Enquanto as gramáticas e os manuais descrevem o fenômeno como aleatório e assistemático, os lingüistas GONÇALVES e ARAÚJO propõem análises inovadoras, tecendo generalizações que evidenciam a sistematicidade do processo de *truncamento*. Entretanto, como ambos os autores dispõem de poucos dados, as generalizações que apresentam não podem ser tomadas como categóricas. A partir da coleta e organização de um *corpus* relativamente extenso (em torno de 150 vocábulos), testamos as assertivas dos autores, listando as características do *truncamento*, as quais se configuraram mais como tendências do que como regras categóricas. Com essa listagem, pudemos, ainda, diferenciar os processos de *truncamento* e *redução vocabular*, muitas vezes analisados como idênticos.

Palavras-chave

Truncamento, Fonologia, Morfologia, Português brasileiro, Léxico

INTRODUÇÃO

Este artigo avalia um fenômeno observado no português brasileiro (PB) contemporâneo que altera a organização segmental de palavras já existentes. Alguns exemplos de vocábulos afetados por tal processo são: *cerveja*, que passa a co-ocorrer com *cerva*; *deprimido*, que dá origem a *deprê*; *vestibular*, que gera *vestiba*, entre outros. Uma pesquisa na literatura nos mostrou que há poucos trabalhos centrados nesse fenômeno – o qual denominaremos *truncamento* – e que os autores divergem quanto à conceituação e à nomenclatura, ora misturando processos distintos, ora baseando-se em poucos dados para construir suas generalizações. Nosso objetivo é, portanto, contribuir para o estudo do *truncamento* no PB e oferecer uma descrição mais refinada desse processo. Para isto, contamos com o suporte de um *corpus específico* coletado pelas autoras deste trabalho, o qual conta com dados análogos àqueles apresentados na literatura consultada e, adicionalmente, apresenta dados atestados na fala espontânea da comunidade de fala estudada.

Na seção 1, avaliamos o tratamento oferecido pelas abordagens tradicionais e discutimos alguns problemas presentes nelas. Na seção 2, apresentamos as propostas de Gonçalves (1999) e Araújo (2002), apontando as inovações que elas trazem. Na seção 3, discutimos dados de um experimento que realizamos, com o objetivo de avaliar empiricamente o comportamento das palavras truncadas no PB contemporâneo. Na seção 4, avaliamos as propostas de Gonçalves (1999) e Araújo (2002), oferecendo indícios para uma descrição mais apurada do fenômeno. Na seção 5, as generalizações de Araújo (2002) são discutidas à luz do nosso *corpus*. A seção 6 trata da distinção entre os processos de *truncamento* e *redução vocabular*, e a conclusão explicita os pontos mais relevantes deste artigo.

1. O FENÔMENO DO TRUNCAMENTO: ABORDAGENS TRADICIONAIS

Esta seção discute a abordagem tradicional do *truncamento*, na qual ele é visto como fenômeno aleatório e assistemático.

1.1. As gramáticas tradicionais

Nas gramáticas tradicionais, não há uma delimitação precisa do que seja o *truncamento* tampouco critérios para distinguir esse fenômeno de outros semelhantes a ele. O que encontramos, em geral, é uma lista de dados e uma denominação para eles, sem análise aprofundada. Além disso, não há consenso entre os gramáticos em relação às classificações sugeridas. Tanto Bechara (2001) quanto Cunha & Cintra (1985), por exemplo, chamam de abreviação formas como *extra*, de *extraordinário* ou *extrafino*, e *auto*, de *automóvel*. No entanto, a leitura de siglas (como em *ONU*) é, para o primeiro autor, um caso especial de abreviação e, para Cunha & Cintra, um processo à parte. Cegalla (1991) denomina redução qualquer processo de encurtamento vocabular. Assim, dentro do conjunto das reduções, misturam-se indistintamente formas como *foto*, de *fotografia*, e *Zé*, de *José*. Luft (1996) lista diversos casos de *truncamento* bastante coloquiais (como *purfa*, de *por fora*, e *burga*, de *burguês*), e os classifica juntamente com reduções do tipo *moto* e *quilo*, como exemplos de derivação regressiva. Temos então que as propostas das gramáticas tradicionais podem ser refinadas em busca de uma melhor configuração dos fenômenos analisados. Na próxima subseção, avaliamos como o *truncamento* é tratado em abordagens lingüísticas.

1.2. A abordagem dos manuais de morfologia

As análises lingüísticas dos manuais de morfologia são mais criteriosas em suas classificações do que as propostas apresentadas pelas gramáticas tradicionais. Contudo, ainda tratam o *truncamento* como um fenômeno aleatório e assistemático. Basílio (1991), por

exemplo, chama de redução ou abreviação o processo de encurtamento de palavras e afirma que, nesses casos, “temos uma palavra formada pela supressão de alguma parte da palavra derivante” e que “a parte a ser suprimida é, muitas vezes, imprevisível”. A autora diz ainda que a palavra formada é sinônima da matriz, “apenas sendo usada, as mais das vezes, num estilo mais coloquial.”

Já Sandmann (1992) distingue dois tipos de abreviação: (a) o das palavras do tipo *cerva* e (b) o das palavras do tipo *máxi*. No primeiro grupo, o processo se caracteriza “pelo aspecto de, às vezes, levar-se em conta uma suposta estrutura morfológica da palavra complexa”. É o caso de *cerveja* que, sincronicamente, não apresenta mais de um morfema. Desta forma, a abreviação para *cerva* é, segundo o autor, arbitrária. No entanto, ele reconhece que há casos nesse grupo em que não se leva em conta a estrutura complexa da palavra (Exs.: grã-fino > *granfa*; Florianópolis > *Floripa*). Nessa classe, inserem-se ainda os apelidos (Exs: Lu, Cris, Jô, etc.), empregados em contextos menos formais. Já no segundo grupo, a estrutura da palavra complexa é levada em consideração, como em *máxi*, que pode vir tanto de *maxidesvalorização* quanto de *maxissaia*. Nesses casos, em que há duas palavras-matriz, o sentido é recuperado dentro do contexto.

Rocha (1999), por sua vez, classifica o processo como uma forma de derivação que pode ser de dois tipos: (a) a derivação truncada estrutural, em que se dá a eliminação de um elemento estrutural da palavra, como um sufixo ou uma das bases da composição (Exs: português > *portuga*; odontologia > *odonto*) e (b) a derivação truncada não-estrutural, em que o corte é aleatório e não leva em conta a estrutura da palavra (Exs: *cerveja* > *cerva*; São Paulo > *Sampa*; pneumático > *pneu*). Ao final de sua análise, o autor questiona se o mecanismo lingüístico do *truncamento* “constitui de fato um processo de formação de palavras, nos moldes da derivação sufixal, por exemplo, em que se pode constatar a existência de RFP’s” (Regras de Formação de Palavras). Caso positivo, isso daria ao *truncamento* as características de previsibilidade e sistematização. Contudo, nenhuma generalização nesse sentido é apresentada pelo autor.

Novamente observamos a necessidade de uma caracterização mais precisa de fenômenos de natureza semelhante. A próxima subseção avalia alguns problemas inerentes às análises apresentadas.

1.3. Problemas com a abordagem tradicional

Com relação à abordagem tradicional, cabe aqui uma observação de teor metodológico. Na maioria das gramáticas e manuais de morfologia consultados, observamos a não-distinção entre os processos de *truncamento*, redução vocabular, abreviação e siglagem. A falta de critérios para separar os referidos processos acaba por gerar análises equivocadas.

O fenômeno da redução, por exemplo, é sempre inserido no mesmo grupo dos *truncamentos*. A nosso ver, formas como *moto*, *químio* e *vice* possuem características que as diferem de formas como *granfa*, *Sampa* e *falsi*. Neste artigo, chamaremos as primeiras de redução vocabular, separando-as do grupo dos *truncamentos*, como mostraremos na seção 6.

Tomemos, agora, a palavra *apê*. A maioria dos autores consultados lista o verbete juntamente com outros exemplos de *truncamento*. No entanto, *apê* não passa da representação ortográfica da matriz fonética da abreviação do vocábulo *apartamento* (ap.). Não deve ser, portanto, um caso de *truncamento* e, sim, de abreviação. Esse processo igualmente ocorre com *Band* (Bandeirantes).

As siglas também são, por vezes, confundidas com *truncamentos*. É o caso de *tevê* (leitura da sigla *TV*), que aparece listada ao lado de formas como *foto* e *biju* em alguns manuais. *Tevê*, no entanto, é formada a partir de um processo específico e muito produtivo no PB: a siglagem. Trata-se de um fenômeno muito diferente do *truncamento*, da redução vocabular e da abreviação. Neste artigo, entretanto, não nos ocuparemos dos processos de siglagem e abreviação. Para um maior detalhamento acerca do primeiro processo, indicamos a leitura de Gonçalves (1999).

2. UM NOVO OLHAR SOBRE O FENÔMENO DO TRUNCAMENTO: A SISTEMATICIDADE

Mostraremos, a seguir, dois estudos inovadores, que propõem análises refinadas do *truncamento* e o analisam como um fenômeno sistemático. A seção 2.1 considera a abordagem sugerida por Gonçalves (1999), e a seção 2.2 considera o tratamento oferecido por Araújo (2002).

2.1. A abordagem de Gonçalves (1999)

Gonçalves (1999) sugere uma tipologia para o que chama de “processos não-concatenativos” do PB – reduplicação, *truncamento*, hipocorização, mesclagem lexical e siglagem –, tentando estabelecer os padrões de formação de cada um deles. Esses processos são, segundo o autor, operações morfofonológicas, pois operam ao mesmo tempo na morfologia e na fonologia da palavra. Daí a ineficiência de analisar os referidos processos por um prisma puramente morfológico, o que acabaria por levar o pesquisador a caracterizá-los como *assistemáticos*. Sobre o *truncamento*, especificamente, Gonçalves (1999) estabelece os seguintes critérios, buscando mostrar sua sistematicidade:

- (1) (a) O *truncamento* é um recurso morfológico de natureza expressiva. Assim, não há diferença de significado entre a forma reduzida e a palavra-matriz; o que há é a utilização da forma truncada para a expressão de um tipo específico de enunciado: a expressão do pejorativo. Ex.: *analfa*.
- (b) O *truncamento* reproduz parte da base e acrescenta uma vogal final *-a*, nem sempre presente na palavra-matriz. A vogal *-a* funciona como uma espécie de afixo de *truncamento*. Ex.: *estrangeiro* > *estranja*.
- (c) A formação do *truncamento* não leva em conta o acento da base. Ex.: *baterista* > *batera*; *flagrante* > *flagra*.
- (d) O *truncamento* é sempre paroxítono.

2.2. A abordagem de ARAÚJO (2002)

Araújo (2002) apresenta uma análise mais aprofundada que a de Gonçalves (1999), em relação aos dois últimos pontos de sistematização levantados no tópico 2.1 (que dizem respeito à acentuação no processo de *truncamento*). De fato, visando à caracterização do *truncamento* como fenômeno regular e previsível, Araújo (2002) conclui que a forma truncada “tende a ser dissílábica e que o acento secundário representa papel crucial no processo”.³ O autor divide as palavras truncadas em três grupos, sendo:

- (2) (a) o das palavras truncadas dissílabas, formadas a partir de palavras-matriz trissilábicas com acento na penúltima sílaba (portanto, sem acento secundário) – Ex.: *cerveja* > *cerva*;
- (b) o das palavras truncadas dissílabas provenientes de palavras-matriz com três ou mais sílabas e acento secundário – Ex.: *bijuteria* > *biju*;
- (c) o das palavras truncadas trissilábicas – Ex.: *salafrário* > *salafra*.

Após analisar um conjunto de dados, Araújo (2002) estabelece que:

- (3) (a) a palavra-matriz deve ter três ou mais sílabas;
- (b) contando-se da esquerda para a direita, selecionam-se as duas primeiras sílabas da palavra e eliminam-se as restantes;
- (c) as condições fonotáticas da língua devem ser respeitadas;
- (d) o acento deve ser atribuído à sílaba que guardava acento secundário na palavra-matriz. Se não houver acento secundário, deve-se acentuar a penúltima sílaba.

São louváveis os esforços de Gonçalves (1999) e Araújo (2002), pois oferecem generalizações para a análise de fenômenos que até então eram tratados como idiossincráticos. Entretanto, embora pertinentes em alguns casos, os critérios apresentados pelos autores não foram suficientes para que analisássemos um conjunto de formas

que coletamos em um experimento especificamente elaborado para avaliar o *truncamento* no PB. Em vários exemplos de nosso *corpus*, a palavra truncada não seguiu os critérios sugeridos por Gonçalves (1999) e Araújo (2002). Algumas questões decorrentes da análise das formas obtidas nesse experimento são abordadas a seguir.⁴

3. UM EXPERIMENTO PARA AVALIAR O TRUNCAMENTO

Esta seção apresenta alguns resultados de um experimento que realizamos com 59 alunos da Faculdade de Letras da UFMG, em 2004. Inicialmente convidamos os participantes a colaborar com a pesquisa e, nos casos de aceitação, foram apresentados aos colaboradores alguns exemplos de *truncamento*, como japonês > *japa*, analfabeto > *analfa*, etc. Em seguida, pedimos que os participantes sugerissem formas truncadas para uma lista de vocábulos do português, tendo o cuidado de indicar o acento tônico da palavra truncada através do acento gráfico agudo. A tarefa foi realizada por escrito. As palavras matrizes selecionadas para o experimento foram aquelas cuja forma truncada observamos, em algum momento, no uso cotidiano dos falantes de Belo Horizonte. O nosso objetivo inicial era o de testar as regras estabelecidas por Araújo (2002), sobretudo no que diz respeito à tendência de se formarem *truncamentos* oxítonos (no caso das palavras-matriz portadoras de acento secundário).⁵ Tínhamos também o interesse de investigar a produtividade do *truncamento*. Segundo Gonçalves (1999), a palavra truncada deve ser sempre paroxítona. Contudo, em muitos casos, observamos que o índice de formação de *truncamentos* oxítonos foi bem maior que o de paroxítonos. Vejamos alguns exemplos:

- Satisfação

TABELA 1
Número e percentual dos truncamentos possíveis
para o vocábulo 'satisfação'

Truncamento Sugerido	Número	Porcentagem
Satisfa (trissílabo/paroxítono)	30	54,5%
Satís / Satí (dissílabo/oxítono)	20	36,4%
Sáti (dissílabo/paroxítono)	3	5,5%
Outros	2	3,6%
TOTAL	55	100%

Como se viu, o índice de ocorrência dos *truncamentos* dissilábicos oxítonos (*satís/satí* 36,4%) foi bem maior do que o percentual de *sáti* (5,5%), dissílabo paroxítono. Vejamos mais um exemplo:

- Periferia

TABELA 2
Número e percentual dos truncamentos possíveis
para o vocábulo 'periferia'

Truncamento Sugerido	Número	Porcentagem
Perí (dissílabo/oxítono)	21	45,6%
Perífa (trissílabo/paroxítono)	17	37%
Péri (dissílabo/paroxítono)	4	8,7%
Outros	4	8,7%
TOTAL	46	100%

Também na tabela 2, o percentual de ocorrência do dissilábico oxítono *perí* (45,6%) é bem maior do que o de *péri* (8,7%), dissílabo paroxítono. Em ambos os exemplos, chamou-nos a atenção o alto percentual de *truncamentos* trissilábicos (*satisfa* 54,5% e *perífa* 37%). De fato, para várias palavras do experimento, houve quem sugerisse um ou dois *truncamentos* trissílabos. Algumas sugestões foram: *falsifi* (< falsificado), *celula* (< celular), *cafaja* (< cafajeste), *estrange*,

estrange e *estranja* (< estrangeiro), etc. A ocorrência de *truncamentos* trissílabos nos chamou a atenção, sobretudo porque esse tipo de *truncamento* parece ir de encontro à proposta de Araújo (2002), segundo a qual a tendência da língua é a de se formarem *truncamentos* dissilábicos.

Embora esses dados tenham um caráter experimental, os índices de ocorrência de *truncamentos* oxítonos e *truncamentos* trissilábicos indicam que estamos diante de um processo produtivo no PB. Observamos ainda propriedades importantes da vogal temática e do local do corte na palavra, bem como do rastreamento e acréscimo semântico nas palavras truncadas, que discutiremos na seção seguinte. Os dados que coletamos mostram que o *truncamento* é um processo que viabiliza várias possibilidades de formação de palavras. Assim, a partir da análise de nossos dados, verificamos que seria importante rever as análises precedentes. Esta é a proposta deste artigo, que tem por objetivo adicional indicar caminhos para análises futuras sobre o *truncamento* e a redução vocabular. Nas próximas seções, avaliamos as propostas de Gonçalves (1999) e Araújo (2002) à luz dos dados de nosso *corpus* e sugerimos algumas propostas para a análise de casos específicos.

4. DISCUTINDO AS ANÁLISES DE GONÇALVES (1999) E ARAÚJO (2002)

O primeiro aspecto que gostaríamos de comentar diz respeito a uma questão metodológica. Notamos que os trabalhos de Gonçalves (1999) e Araújo (2002) baseiam-se em poucos dados (o artigo de Gonçalves, por exemplo, apresenta apenas 19 dados). Visando a testar as generalizações oferecidas pelos autores, coletamos um *corpus* de 152 palavras truncadas e com redução vocabular e aplicamos os critérios estabelecidos por eles a tal *corpus*. Nosso *corpus* é apresentado ao final deste artigo. Ao fazê-lo, identificamos vários pontos controversos. São eles:

a) Vogal temática

Começaremos discutindo a assertiva de Gonçalves (1999) sobre o fato de haver sempre a inserção de uma vogal final *-a* no *truncamento*. De fato, há vários exemplos em que essa afirmação se comprova, sobretudo com os *truncamentos* trissilábicos (Exs.: telefone > *telefa*; vestibular > *vestiba*, etc.) Os dados de nosso *corpus* mostram que isso igualmente pode acontecer com os *truncamentos* dissilábicos (Exs.: burguês > *burga*; cruzeiro > *cruza*, etc.). Observe-se também que, nesses exemplos, a vogal final é realmente *inserida*, isto é, ela não constava da palavra-matriz. Há, porém, muitos *truncamentos* que não terminam com a vogal *-a*, mas numa vogal presente na palavra-matriz (Exs.: profissional > *profi*; faculdade > *facu*; rapaziada > *rapaze*, etc.). Em nossa pesquisa, atestamos que, de um total de 47 *truncamentos* dissilábicos, 24 terminam em *-a*, e 23 terminam em outras vogais. Temos, portanto, um índice de quase 50% de contra-exemplos à generalização proposta por Gonçalves (1999). Já para os *truncamentos* trissilábicos, a generalização da vogal final *-a* pode valer como tendência, apesar de haver alguns contra-exemplos, como veremos mais adiante.

b) Local do corte

Outro ponto que gostaríamos de discutir é quanto ao local em que se dá o corte na palavra-matriz. Segundo Araújo (2002), a perda de material segmental se dá sempre “no limite direito da palavra”. Entretanto, em nossos dados atestamos casos em que o corte ocorreu no limite esquerdo da palavra (Exs.: paranóia > *nóia*; cachaça > *chaça*; professor > *fessô*). Observe-se que esse grupo de *truncamentos* parece apresentar um comportamento especial: o acento da palavra-matriz é preservado na palavra truncada. Portanto, é típico, mas não obrigatório, que no *truncamento* haja mudança de acento na passagem da palavra-matriz para a palavra truncada.⁶ Por ora, deixaremos a questão desse grupo em aberto, uma vez que precisaríamos de mais dados para sugerir uma análise mais refinada. Contudo, uma

análise ampla do *truncamento* e de fenômenos correlatos deverá levar em consideração esse grupo de palavras.

c) O número de sílabas

Uma outra questão a ser discutida é a do número de sílabas da palavra truncada. A tendência, segundo Araújo (2002), é a de que o *truncamento* seja dissilábico, apesar de o autor reconhecer que há casos de *truncamentos* trissilábicos. Cabem aqui duas observações. Primeiramente, não há apenas alguns casos de *truncamentos* trissilábicos. Em nossa pesquisa, observamos que esse tipo de *truncamento* corresponde a 42,0% dos *truncamentos* prototípicos⁷, o que reflete um percentual bastante expressivo. Em segundo lugar, ao dizer que os *truncamentos* são predominantemente dissilábicos e, em alguns casos, trissílabos, Araújo (2002) não levanta a possibilidade de haver *truncamentos* monossilábicos. Observe-se, todavia, que no caso dos nomes próprios isso se verifica com bastante frequência: *Lu* < Luciana, Luísa; *Ju* < Jussara, Juliana; *Cris* < Cristiane, Cristina; *Fla* < Flamengo e *Flu* < Fluminense,⁸ entre outros.

d) Monossílabos

Vale observar que a ocorrência de *truncamentos* monossilábicos parece ser válida apenas para os nomes próprios. Há evidência na literatura lingüística de que nomes próprios devem receber tratamento diferenciado (OLIVEIRA, 1995). Em substantivos comuns, a tendência é que a forma truncada apresente mais de uma sílaba. Um exemplo disso é o vocábulo *busu* (< ônibus), em que, além de o corte de material segmental ter se dado à esquerda, há o acréscimo da vogal *-u*, tornando dissilábico o monossílabo *bus*. Mais uma vez, lembramos que os nomes próprios configuram-se como casos especiais: eles podem ou não seguir a tendência geral dos *truncamentos*.

e) Rastreamento

Há ainda outra questão a ser considerada no trabalho de Araújo (2002). O autor coloca, como condição necessária à legitimidade do

truncamento, o fato de a palavra-matriz ser sempre *rastreável*. Dessa forma, *cerva* seria um exemplo de *truncamento* por corresponder a uma única base – *cerveja* –, e *deprê* não o seria por poder corresponder tanto a *depressão* quanto a *deprimido(a)*. Não vemos motivos para se excluir *deprê* do grupo dos *truncamentos*, tampouco outros casos como *presí* (< presidente ou presidiário?), *socí* (< social ou sociedade?), etc., em que a forma truncada pode corresponder a mais de uma palavra-matriz. Listaremos, mais adiante, as características de um *truncamento* prototípico, as quais se aplicam também a esse tipo de *truncamento*. Ademais, um *truncamento* que corresponda a mais de uma base será facilmente rastreável no contexto semântico-pragmático em que é proferido. Vejamos os mesmos exemplos que propõe Araújo (2002). A forma truncada *deprê*, numa frase como ‘A *deprê* do João contagiou os colegas na empresa’, só será rastreada como ‘depressão’, e nunca como ‘deprimida’. Já em ‘Joana está muito *deprê* depois da eliminação da filha do torneio’, lê-se sempre ‘deprimida’, e nunca ‘depressão’. Podemos supor, então, que não é o *truncamento* que apresenta duas palavras-matriz e sim palavras-matriz diferentes que geram *truncamentos* homônimos, mas que são sempre rastreáveis no contexto semântico-pragmático de proferimento.

f) Acréscimo semântico?

Preferindo se ater à formação estrutural das morfologias não-concatenativas, Araújo (2002) opta por não considerar o aspecto semântico envolvido nesses processos. Diz apenas que não há perda de sentido ao se passar da palavra-matriz para a truncada. Gonçalves (1999) faz a mesma afirmação, acrescentando, porém, uma observação: o *truncamento* é empregado com função expressiva, “revelando o ponto-de-vista do falante sobre o que se diz”. A palavra truncada, apesar de conservar o sentido da palavra-matriz, serve para externar uma avaliação. Assim, *analfa* talvez externe uma avaliação negativa sobre o analfabeto.

Discordando de Gonçalves (1999) nesse ponto – para quem o *truncamento* expressa sempre o tom pejorativo –, pensamos que

também o tom jocoso, o de zombaria, bem como o tom da afetividade e o da familiaridade, estão presentes nos diversos casos de *truncamento* de nosso *corpus*. Em *refri* (< refrigerante) e *cerva* (< cerveja), por exemplo, parece haver um tom familiar, de quem toma essas bebidas com frequência; já em *movi* (< movimento) e *rapaze* (< rapaziada), um tom jocoso, e em *motoca* (< motocicleta), temos um tom afetivo. O *truncamento* poderia exercer também uma função “eufemística”, como no caso da locução adjetiva *do caralho* – considerada por muitos como um tabu lingüístico –, que é truncada para *duca*, que parece ser mais aceitável socialmente. Gonçalves (1999) e Araújo (2002) observam que o *truncamento* e fenômenos correlatos operam nos níveis fonológico e morfológico concomitantemente. Ambos reconhecem que o significado final da nova palavra também deveria ser levado em consideração, embora nenhum dos dois se proponha a tal investigação naquele momento. O nosso trabalho oferece evidências de que um tratamento completo dos referidos fenômenos deve levar em consideração não apenas os aspectos fonológico e morfológico, mas também a relação entre forma e significado que surge na nova palavra. Por ser um fenômeno típico da fala informal, o *truncamento* se presta com propriedade a um estudo que enfoque principalmente aspectos semântico-pragmáticos em consonância com parâmetros fonológicos e morfológicos. Tal estudo deve ainda ser desenvolvido em pesquisa futura, uma vez que neste artigo preferimos nos ater apenas aos aspectos estruturais do *truncamento*.

5. REANALISANDO AS GENERALIZAÇÕES DE ARAÚJO (2002)

Passemos à avaliação dos critérios impostos às palavras truncadas dissílabas provenientes de palavras-matriz com acento secundário. A fim de explicar a regularidade nos processos de *truncamento*, Araújo (2002) observa se há ou não acento secundário nas palavras-matriz e, a partir daí, classifica-as em dois grandes grupos.

Grupo 1: ARAÚJO (2002)

- (a) A palavra-matriz é *trissílaba, paroxítona* e não possui acento secundário.
Exs: neurose, flagrante.
- (b) O *truncamento* é sempre *dissílabo e paroxítono*.
Exs.: neurose > *neura*
 flagrante > *flagra*

Com relação ao acento, encontramos três exceções à regra proposta para o Grupo 1: *fissu* (< fissura), *belê* (< beleza) e *pregui* (< preguiça), que são formas truncadas oxítonas, e não paroxítonas. Portanto, a afirmativa apresentada por Araújo (2002) no Grupo 1b parece indicar uma tendência, mas não um critério categórico. Encontramos ainda algumas palavras-matriz dissílabas e oxítonas gerando palavras truncadas dissílabas e paroxítonas (mesmo padrão das demais palavras truncadas do Grupo 1), fato que também contraria a regra apresentada no Grupo 1a. Alguns exemplos de palavras-matriz dissílabas que geram *truncamentos* dissílabos são: chinês > *china*), burguês > *burga*, mulher > *mulha*, tostão > *tusta*, etc. Parece-nos necessário, portanto, rever o critério apresentado para o Grupo 1, ajustando-o de forma a englobar as palavras-matriz dissilábicas e os *truncamentos* oxítonos:

Grupo 1: critério revisto neste trabalho

A palavra-matriz pode ser dissílaba ou trissílaba, e há uma *tendência* a se formarem *truncamentos* paroxítonos.

Consideremos, agora, a proposta de Araújo (2002) para o Grupo 2 de *truncamentos*:

Grupo 2: ARAÚJO (2002)

- (a) A palavra-matriz é *trissílaba* ou *polissílaba* e possui acento secundário (o acento grave marca a sílaba portadora de acento secundário).
Exs.: japonês, bijutéria
- (b) O *truncamento* é sempre *dissílabo*, e o acento é sempre atribuído à sílaba que guardava o acento secundário.
Exs.: japonês > *japa*
 bijutéria > *biju*

Estabelece-se, portanto, uma relação obrigatória entre o *truncamento* e o acento secundário nesse grupo. Tal relação, contudo, não se verifica em pelo menos 15 (47,0%) das 32 palavras que analisamos.¹⁰ Alguns exemplos de *truncamento* que violam os critérios para o Grupo 2 apresentado anteriormente são mostrados a seguir. Neles, indicamos a sílaba tônica em itálico:

Dèpressão – que gera <i>deprê</i> , e não, <i>depre</i> ;
Fâculdade – que gera <i>facu</i> , e não, <i>facu</i> ;
Câchoeira – que gera <i>cachu</i> , e não, <i>cachu</i> ;
Prèjuízo – que gera <i>preju</i> , e não, <i>preju</i> ;
Mòrdomia – que gera <i>mordô</i> , e não, <i>mordô</i> .

Note-se que, nesses exemplos, o acento da nova palavra não corresponde ao acento secundário da palavra-matriz. Tendo em vista esses dados, nossa hipótese é que a relação entre acento secundário e palavras truncadas provenientes especificamente desse grupo pode ser *acidental*. O que realmente há é uma *tendência a se formarem truncamentos oxítonos*, quando a palavra-matriz possui acento secundário. Em nossa pesquisa, tivemos um índice de 65,6% (21/32) de casos de *truncamentos* oxítonos nesse grupo, contra apenas 34,4% (11/32) de ocorrências de formas truncadas paroxítonas.¹¹

Grupo 2: critério revisto neste trabalho

Para palavras-matriz contendo acento secundário, o truncamento, se *dissílabo*, é preferencialmente *oxítono*.

Resta-nos falar dos *truncamentos* trissilábicos, que formam um grupo à parte. Para esses casos, Araújo (2002) não especifica nenhum traço para a palavra-matriz, indicando apenas que os *truncamentos* desse grupo são sempre *paroxítonos*, com vogal temática *-a*.

Grupo 3: ARAÚJO (2002)

- (a) Não há traços para a palavra-matriz.
Exs.: *jãponês*, *bijùteria*
- (b) O truncamento é *trissílabo* e sempre *paroxítono*, com vogal temática *-a*.
Exs.: *periferia* > *perifa*
madrugada > *madruga*

Com relação ao acento tônico, não encontramos nenhum caso que contradissesse o critério estabelecido por Araújo (2002): todos os *truncamentos* desse grupo são *paroxítonos*. Entretanto, observamos casos de *truncamentos* como *boteco* (< *hotequim*), que curiosamente termina em *-o*, e *rapaze* (< *rapaziada*), que termina em *-e*. Parece, então, que nesse grupo a vogal final é **preferencialmente**, mas nem sempre, *-a*. Assim, podemos incluir aí os *truncamentos* *boteco* e *rapaze*.

Grupo 3: critério revisto neste trabalho

O truncamento trissílabo é sempre *paroxítono* e a vogal final é preferencialmente *-a*.

Nesta seção apresentamos alguns pontos controversos nas análises do *truncamento* apresentadas por Araújo (2002). Avaliamos as propostas do autor e sugerimos critérios adicionais para a análise

do *truncamento* no PB. Nossas sugestões seguiram da análise dos dados presentes em nosso *corpus*.

Na próxima seção apresentamos uma proposta de distinção entre *truncamento* e redução vocabular.

6. TRUNCAMENTO E REDUÇÃO VOCABULAR

Falaremos agora da distinção entre *truncamento* e redução vocabular, processos muitas vezes confundidos e analisados como idênticos. Alguém poderia pensar que *moto* constitui um exemplo típico de *truncamento*, e isso é o que de fato vemos acontecer nas gramáticas e manuais de morfologia de um modo geral. Entretanto, analisando os dados de nosso *corpus*, notamos que existem características que nos permitem relacionar a forma *moto* ao processo da redução vocabular, e não ao do *truncamento*. Mostramos, a seguir, uma tentativa de distinção desses processos.

A redução vocabular parece se diferenciar do *truncamento* por ser, essencialmente, um fenômeno morfológico, e não morfofonológico. O local onde se dá o corte na palavra que sofre redução é um limite morfológico. As palavras-matriz das reduções vocabulares são palavras compostas (que podem ser grafadas com hífen ou não), e é justamente no limite dessa composição que elas sofrem a redução. (Exs.: *fotografia* [foto+grafia] > *foto*; *retro-projetor* [retro+projedor] > *retro*; *lipoaspiração* [lipo+aspiração] > *lipo*). A forma resultante do processo de redução vocabular é uma das bases da palavra composta, em geral, a base que se encontra no limite esquerdo da palavra,¹² que passa a ser empregada no lugar da palavra composta. Resumindo, a redução vocabular é um corte morfológico, que desfaz a composição que deu origem à palavra-matriz. Pode-se dizer que há uma forte tendência a se manterem as bases à esquerda da palavra-matriz. Além disso, na redução vocabular, não há inserção da vogal final *-a*, o que ocorre com bastante frequência no *truncamento*.

Nos casos de *truncamento*, as palavras-matriz não são, em geral, compostas. Contudo, mesmo quando há uma palavra-matriz

composta, o corte que ocorre no *truncamento* não é um corte *morfológico*, como acontece na redução vocabular (Exs.: grã-fino > *granfa*; mal-criado > *malcra*). No caso da matriz *play-boy*, por exemplo, temos duas possibilidades de “corte”: *pleiba* e *play*; a primeira delas é um *truncamento* (atente-se para a inserção da vogal final *-a*), enquanto a segunda é uma redução vocabular (o corte se dá na morfologia).

Outro ponto interessante da distinção entre *truncamento* e redução vocabular é o aspecto semântico-pragmático. O *truncamento*, como vimos, é usado na expressão do pejorativo, do jocoso e do afetivo, ao passo que a redução vocabular parece ter propriedades semânticas mais neutras, expressando apenas uma certa intimidade com o tema ao qual a palavra reduzida se refere. O *truncamento* possui traços de gíria, de linguagem socialmente marcada, específica de determinado grupo social (sobretudo o grupo de faixa etária mais jovem); a redução vocabular parece não externar tal marcação, podendo ser usada por todos os grupos sociais.

7. CONCLUSÃO

Neste artigo, avaliamos o fenômeno do *truncamento*, tomando como ponto de partida as descrições encontradas nos manuais tradicionais de morfologia e em trabalhos como os de Gonçalves (1999) e Araújo (2002). Após apresentarmos uma revisão da literatura, fizemos uma leitura crítica das análises correntes, discutindo aspectos controversos, propondo uma reanálise das generalizações disponíveis e sugerindo outros pontos a serem investigados em trabalhos futuros.

A partir das observações que fizemos ao longo deste artigo, gostaríamos de formular a noção de *truncamento* a partir de tendências gerais e não categóricas. O principal aspecto estrutural do *truncamento* é (a) a conjugação de aspectos fonológicos e morfológicos na concepção de um novo vocábulo que apresenta marcas sociais importantes como a ‘intimidade’ ou ‘familiaridade’ no uso da palavra truncada e (b) o fato de os *truncamentos* serem

atestados predominantemente no grupo de faixa etária mais jovem. Retomamos a seguir os principais pontos avaliados neste artigo, que indicam as tendências observadas nos casos de *truncamento* analisados.

Observamos, por exemplo, que a palavra truncada preserva o sentido da palavra-matriz, mas acrescenta a ele uma carga expressiva de intimidade ou familiaridade (pejorativa, jocosa, afetiva ou familiar) que é observada no uso da palavra truncada em contexto semântico-pragmático específico. Notamos que, nos *truncamentos* dissilábicos, pode-se manter uma vogal presente na palavra-matriz (*cafajeste* > *cafa*; *visual* > *visu*) ou pode-se inserir uma vogal final *-a*, mesmo que essa não esteja presente na matriz (*burguês* > *burga*). Já nos *truncamentos* trissilábicos, vimos que a tendência é mesmo a inserção da vogal final *-a*, apesar de haver a possibilidade de se usarem outras vogais finais (*botequim* > *boteco*). Mostramos que a perda de material segmental pode se dar tanto no limite direito (*cachaça* > *chaça*), quanto no limite esquerdo (*neurose* > *neura*) da palavra-matriz, mas que a tendência é que ela ocorra no limite direito. Apontamos para a alta incidência de *truncamentos* trissilábicos em nosso *corpus* e para o fato de os substantivos comuns não gerarem, preferencialmente, *truncamentos* monossilábicos (exceção para os nomes próprios: *Cristina, Cristiane* > *Cris*; *Luciana* > *Lu*). Discutimos a questão da existência de duas ou mais palavras-matriz para uma mesma forma truncada e mostramos que, nesses casos, a palavra-matriz pode ser sempre recuperada no contexto semântico-pragmático (*deprimida*, *depressão* > *deprê*). No que diz respeito à relação entre acento secundário e palavra truncada, mostramos que, no caso do primeiro grupo (i.e., palavras-matriz sem acento secundário), a palavra-matriz também pode ser dissílaba (*chinês* > *china*) e que há uma tendência a se formarem *truncamentos* paroxítonos (*neurose* > *neura*). Para as palavras-matriz portadoras de acento secundário, a tendência é que gerem *truncamentos* oxítonos, quando esses forem dissílabos (*movimento* > *movi*). No caso dos *truncamentos* trissilábicos, vimos que são sempre paroxítonos e que terminam preferencialmente, mas nem sempre, em *-a* (*telefone* > *telefa*; *botequim* > *boteco*). Verificamos que, em alguns casos de *truncamento*, há inserção de segmentos não

constantes na palavra-matriz. É o caso de tranquilo > *tranquis*, pirralho/a > *pirras*, ônibus > *busu*, etc. Sugerimos, por fim, critérios para a distinção entre *truncamento* e redução vocabular.

Os resultados apresentados e descritos neste trabalho podem contribuir para uma melhor compreensão do processo de formação de palavras, ou de ampliação do léxico no PB. Embora se trate de resultados preliminares, podemos afirmar que o léxico tem caráter produtivo e tende a seguir os critérios estruturais da língua em questão. A produtividade da criação lexical, alinhada à variação inerente a tal processo de criação, sugere uma concepção de léxico como um sistema com plasticidade que se adapta às necessidades dos falantes (LORD & ZUNG, 1992). A teoria que sugere tal proposta é a da “Difusão Lexical” (WANG, 1969), que poderia ser considerada em trabalhos futuros sobre o *truncamento*. Tal teoria sugere que a palavra é a unidade representacional na estrutura lingüística e permite-nos inseri-la num contexto semântico-pragmático que seja relevante para a análise lingüística.

Enfim, acreditamos que este trabalho expresse a necessidade de estudos futuros de cunho sociolingüístico e semântico-pragmático, que busquem uma avaliação dinâmica e contextualizada do léxico na organização da linguagem com enfoque no *truncamento* e na redução vocabular no português brasileiro.

NOTAS

¹ As autoras agradecem os comentários e sugestões dos pareceristas anônimos da revista.

² A autora agradece o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, através do processo 30.41.21-2002-9.

³ Para simplificar, usaremos caracteres itálicos para indicar a sílaba tônica e o acento grave, quando necessário, para marcar a posição do acento secundário (COLLISCHON, 1994).

⁴ Alguns dados de nosso experimento são brevemente descritos na próxima seção. O *corpus* completo é apresentado no Anexo, que se encontra ao final do artigo.

⁵ Este trabalho iniciou-se a partir de discussões sobre o tema que surgiram em disciplinas específicas ministradas pelas professoras Thaís Cristófaros Silva e Ana Paula Huback na Faculdade de Letras da UFMG. Posteriormente, a partir das reflexões sobre o tema, selecionamos as palavras a serem testadas e aplicamos o experimento.

⁶ Trask (1996) sugere que, nos casos de *truncamento*, o corte se dê sistematicamente no limite direito da palavra. Contudo, tal restrição não é observada por Crystal (2001). Assumimos que o *truncamento* diz respeito ao encurtamento da palavra, sem restrições à borda – esquerda ou direita – em que o corte segmental possa ocorrer.

⁷ Por *truncamento* prototípico estamos nos referindo aos casos em que a palavra-matriz não é um nome próprio, nem há acréscimo de segmento à palavra truncada. Esses últimos casos, especiais, serão discutidos mais adiante.

⁸ Os itens *Fla* e *Flu* são normalmente empregados em justaposição, para designar o clássico jogo entre os referidos times (cf. *FlaFlu*).

⁹ Não faremos aqui uma distinção rígida entre o que está no âmbito da semântica e o que está no âmbito da pragmática. Chamaremos de questões “semânticas” tudo o que disser respeito ao significado, num sentido amplo, no fenômeno do *truncamento*.

¹⁰ Considerando, naturalmente, apenas os *truncamentos* prototípicos.

¹¹ Vide a segunda coluna do *corpus* anexo, relativa aos dados do Grupo 2.

¹² Encontramos apenas um contra-exemplo: *teipe*, de ‘videoteipe’. Possivelmente, a redução vocabular *vídeo* já havia sido formulada para ‘videocassete’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.10, n.1, p. 61-90, jan./jun. 2002.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Série Princípios)

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

COLLISCHON, Gisela. Acento secundário em português. *Letras de hoje*. Porto Alegre, v. 29, no. 4, p. 43-53, dez. 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Minigramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Blackwell, 2001.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no português do Brasil: tipos e funções. [Versão revista e ampliada da Comunicação "Processos de redução vocabular: tipos e funções", apresentada na XVII Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, Recife, Instituto de Letras da UFPE, set. 1999.

LORD & ZUNG. How does the lexicon work? *Word*. v. 43, n.3, p. 349-373, 1992.

LUFT, Celso Pedro *et al.* *Novo manual de português, gramática, ortografia oficial, literatura, redação, textos e testes*. São Paulo: Globo, 1996.

OLIVEIRA, M. A. O léxico como controlador de mudanças sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, p. 75-92, 1995.

ROCHA, L. C. A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. (Coleção Aprender)

SANDMANN, A. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

TRASK, R. L. *A Dictionary of Phonetics and Phonology*. Routledge, 1996.

WANG, W. Competing changes as a cause of residues. *Language*. 45, n.1, p. 9-25, 1969.

ANEXO

Truncamentos dissilábicos (sem ac. secund)	Truncamentos dissilábicos 2 (com ac. secund)	Truncamentos trissilábicos	Truncamentos com corte à esquerda	Redução vocabular
Belê (beleza) Berma (bermuda) Burga (burguês) Cerva (cerveja) China (chinês) Cruza (cruzeiro) Demo (demônio) Fissu (fissura) Flagra (flagrante) Frla (freelance) Granfa (grã-fino) Milha (milhão) Mulha (mulher) Neura (neurose)	Biju (bijuteria) Bisa (bisavó) Caça (caféjeste) Carna (carnaval) Coca (cocaína) Confá (confusão) Dispó (disposição) Facu (faculdade) Falsi (falsificado) Jabá (jabaculé) Japa (japonês) Loto (loteria) Metal (metaleiro) Mordó (mordomia)	Adrena (adrenalina) Analfa (alfabeto) Balanta (ballantines) Balzaca (balzaquiana) Batera (bateria, baterista) Boteco (botequim) Cacete (cacete) Cafeta (café) Capita (capitão) Carpina (carpinteiro) Cataga (categoria) Celula (celular) Cesária (cesariana) Comissa 1 (comissão, comissário) Comuna (comunista) Consuma (consumação) Cortesa (cortesã) Delega 1 (delegado, delegacia) Estranja (estrangeiro) Madruga (madrugada) Maneca (manequim) Motoca (motocicleta) Natura (natureza) Perifa (periferia) Portuga (português) Proleta (proletariado)	Chaça (cachaca) Fessô (professor) Nôia (paranóia) <i>Nomes Próprios:</i> Mengo (Flamengo) Zéro (Cruzeiro) <i>Acréscimo de segmento:</i> Busu (ônibus)	Bíbio (Biblioteconomia) Curta (curta-metragem) Eleiro (eletrocardiograma) Espéleo (espeleologia) Ex (ex-marido; ex-namorado...) Extra (extraordinário) Foto (fotografia) Hétero (heterossexual) Hidro (hidroginástica) Homo (homossexual) Infra (infraestrutura) Inier (Internacional) Lipo (lipoaspiração) Longa (longa-metragem) Maxi (maximização) Micro (microcomputador) Mini (minissai) Moto (motocicleta) Odonto (odontologia) Otorrino (Otorrinolaringologista) Over (overnight) Play (playboy) Pólio (poliomielite) Pornô (pornográfico) Pós (pós-operatório; pós-graduação) Pré (pré-vestibular; pré-operatório; pré-primário) Quilo (quilograma) Químio (quimioterapia) Rádio (radioterapia) Retro (retroprojektor) Vice (vice-presidente; vice-governador...) Video (videocassete)
Palha (palhaço) Pisca (piscina) Playba (playboy) Pregui (preguiça) Purfa (por fora) Sarja (sargento) Tusta (tostão) <i>Nomes-próprios:</i> Brasa (Brasil) Sampa (São Paulo)	Preju (prejuízo) Profi (profissional) Refri (refrigerante) Sapa (sapato) Transa (transação) Trava (travesti) Troglô (troglodita) Biju (bijuteria) Bisa (bisavó) Caça (caféjeste) Carna (carnaval) Coca (cocaína)	Rapaza (rapaziada) Reaça (reação) Responsa (responsabilidade)		
<i>Acréscimo de Seg.:</i> Pirras (pirralho) Tranquis (tranqüilo) Falsi (falsificado) Jabá (jabaculé)	Confá (confusão) Dispó (disposição) Facu (faculdade) Sacrista (sacristão) Salafrá (salafrário)			

Truncamento dissilábicos (sem ac. secund)	Truncamento dissilábicos 2 (com ac. secund)	Truncamento trissilábicos	Truncamento com corte à esquerda	Redução vocábular
<p>Japa (japonês) Loto (loteria)</p>	<p>Sanducha (sanduíche) Sapata (sapatão) Satisfa (satisfação) Nomes próprios: Belô ("Belorizonte") Jabô (Jaboticatuba) Marê (Maresias) Pinda (Pindamonhangaba) Santê (santereza)</p>	<p>Telefa (telefone) Tráfica (traficante) Vagaba (vagabunda) Ventila (ventilador) Vestiba (vestibular) Viola (violão) Nomes próprios: Araça (Araçatuba) Bonsuça (Bonsucesso) Califa (Califórnia) Caraguá (Caraguatatuba) Floripa (Florianópolis) Itapê (Itapetininga) Maraca (Maracanã) Acréscimo de segmento: Cafifa (cafetina) Gasosa (gasolina) Sanduba (sanduíche)</p>		<p>Corre à esquerda: Teipe (videoteipe)</p>